

O intermezzo, que introduzi como uma cunha no copo das nossas discussões na penultima quarta feira, modificará, como vejo agora, o carater das nossas reuniões basicamente. Vocês me forçaram, por sua insistencia em um "engagement", de abandonar a minha posição olimpica de objetividade, e de juiz me transformaram em advogado da defesa. Aceito o desafio, e preparei o campo na ultima quarta feira, ao discutir a fenomenologia. Tendo assim, como espero, eliminado muitos malentendidos, que de outra forma poderiam ter surgido em suas mentes quanto ao meu metodo introspectivo de encarar o mundo, passo a considerar fenomenologicamente o problema da lingua. Esse problema não surge, como talvez quer parecer, abruptamente e sem proposito no curso das nossas conversações, mas surge organicamente. Tempo, espaço e causalidade são formas gramaticais, como tentarei demonstrar num futuro não muito distante. E toda a discussão que antecedeu esses tres temas era, do meu ponto de vista, uma introdução para uma filosofia da lingua. Prevejo, portanto, que o problema da lingua ocupará toda uma serie das quartas-feiras vindouras, se Vocês não tiverem objeção contra esta proposta.

Dedicarei esta primeira discussão á exposiçáo da minha atitude em face do problema. Contarei porque o problema me fascina. Na proxima quarta-feira darei um esboço da situação das diversas línguas no presente momento, darei a morfologia das línguas. Em seguida tentarei penetrar, em sua companhia, em camadas sempre mais profundas do tecido da lingua em procura do segredo que nele se esconde. Desconfio que esse segredo diz respeito a todas perguntas formuladas pelas ciencias e filosofias.

Quando tinha a sua idade, a situação da sociedade ocidental era, se possível, ainda mais dramática que hoje e eu estava no centro geografico da catastrophe que se preparava. As perguntas que inquietam Vocês e todos os jovens que pensam, inquietaram-me, portanto, com uma intensidade pelo menos igualmente violenta. Condensaria essas perguntas radicalmente a essas tres: (1) De onde vimos? (2) Para onde vamos? (3) Porque caminhamos? A pergunta numero dois inclui a maioria das preocupações politicas, sociais e economicas, a pergunta numero tres inclui a maioria das nossas ansias artisticas e religiosas, mas é na pergunta numero um que se encontra o germe da esperança para alguma resposta. É uma pergunta científica e filosofica, e as respostas que me foram oferecidas vinte anos atrás não diferem substancialmente das respostas que nos são oferecidas hoje em dia. O existencialismo contorna a resposta e nos diz: Somos jogados, estamos aqui, simplesmente existimos. Uma resposta tão desesperada e horrorosa não pode ser aceita por um jovem, mesmo se ela se veste em trajes de "quando-mêmo" como o faz nas bocas dos pensadores atuais, como Sartre e Jaspers. Por outro lado falta a mim, como falta a Vocês, a fé autentica e ingenua na resposta das religiões: Vimos de Deus. Resta portanto a considerar a multiplicidade de respostas oferecidas pelas diversas ciencias e filosofias, na esperança de encontrar uma entre as muitas, que possam servir de substituição á fé e de escape ao existencialismo.

Vou ^{enumerar} ~~enumerar~~, a esmo, e sem nenhum método, algumas das respostas que considereí, e abandonei em seguida. A ordem que sigo é a ordem cronologica do meu pensamento, é a historia do meu intelecto e de muitos da minha geração. Em primeiro lugar a resposta marxista, que diz sermos o resultado do ambiente humano, e ser esse ambiente, em ultima analise, o conjunto das forças economicas que se desenvolvem dialeticamente atravez da historia da humanidade. Essa resposta me parecia pouco satisfatoria, a despeito de sua pseudoplausibilidade, porque põe a ênfase sobre uma força que é, no melhor dos casos, sómente uma entre muitas, e porque tende a minimalisar o valor individual do homem. Considerei em seguida, a resposta da biologia, com suas influencias hereditarias, seus gens, suas mutações e suas adaptações ao ambiente, e a abandonei por considerações semelhantes ás que me fizeram abandonar o marxismo. A psicologia Freudiana foi a proxima a me captar, porque ela reunia todos os argumentos da biologia e do marxismo num nivel mais elevado. Explicava a minha origem em termos mais imediatos, pois sentia as forças dos meus instintos e dos meus anseios

mais diretamente do que, por exemplo a força do mercado ou a força da evolução dos mamíferos. No entanto, sentia, que também essa resposta era simples e banal demais para ser verdadeira, que não era nem possível nem permitido explicar a minha origem e, em consequência, o meu dever e a minha razão de ser, pelos meus instintos. Dediquei-me, em seguida, a considerações de outras psicologias de profundidade, a Jung, a psicologia da Gestalt aos indianos, que procuram a raiz do Eu em camadas sempre mais fundas da alma. Descobri as forças obscuras que agem imperceptivelmente para proaduzir a nossa consciência, e que nos vêm do passado longínquo da raça humana, dea memória inarticulada de todo o reino animal, do substrato amorfo, de toda a correnteza da vida. Aprendi a me considerar como uma bolha transitória que subiu para a superfície da lama primordial da vida, para nelacomergulhar novamente. Mas também esta explicação não me satisfaz nem intelectual, nem moral, nem esteticamente, talvez porque falhei nas minhas tentativas de penetrar nessa lama. Simultaneamente abri a minha mente ás inumeras sugestões de outras ciências e filosofias, que forneceram argumentos como tradição cultural, paralelismo entre alma e corpo, a vida um sonho, e assim por diante.

Estava em posse de uma serie grande de respostas a minha pergunta: De onde venho?, e comeci a compreender que se tratava de respostas parciais, nenhuma totalmente errada, mas que não eram verdadeiras nem tomadas em seu conjunto. Não era possível construir uma resposta eclectica, que reuniria as verdades parciais para constituir uma resposta inteligível. Todas essas respostas tinham descido ao longo do caule da origem do Eu, uma mais profundamente, outra mais superficialmente, mas nenhuma tinha vislumbrado as raizes. E todas se tinham, em seu caminho, afastado, mais cedo ou mais tarde, da direção certa, para se perderem no dogmatismo. Tinham perdido a paciência, procuravam atalhos para apressar e simplificar a resposta. Pecaram em sua redução fenomenologica, não usaram de epoché bastante radical, tinham preconceitos. Além disso, não era possível estabelecer uma conversação autentica entre as diversas respostas. Todas elas falaram em linguaguas intraduzíveis entre si, e o que o marxista entendia por "eu" ou "humanidade" era coisa totalmente diferente daquilo que Jung ou Kant entendiam por essas palavras. A confusão era aquela de qual a Biblia nos conta por ocasião da construção da torre de Babel. E, em consequência, a mesma confusão reinava em minha mente.

No entanto, evidentemente, tinha certas diferenças entre as respostas quanto ao seu valor epistemologico e didatico, não eram equivalentes. As respostas das filosofias idealistas e da psicologia de profundidade me pareciam mais significativas e mais nobres do que as respostas materialistas e biológicas, se bem que estas me pareciam mais plausíveis e mais pedestres. Em suma, tratava-se de uma questão estetica, de uma questão de gosto. Era mais fácil e mais comodo ser marxista, mas era mais feio. Era mais bonito ser um racionalista kantiano, mas era mais difícil. E ambas as escolhas eram ficticias, por não atingirem o alvo. Não tratarei aqui do aspecto moral dessa escolha impossível, somente do seu aspecto epistemologico e estetico.

Dessa confusão se apresentaram duas saídas em duas direções totalmente diversas. Decidi, em meu desespero intelectual e moral tentar ambas. A primeira é uma traição intelectual em proveito da ética, é a tentativa de forçar a fé, oferecendo o intelecto em holocausto. A segunda é a traição moral em proveito da integridade intelectual, suspendendo toda ação na medida do possível. A desculpa e a esperança dessas duas saídas eram são a possibilidade que ambas se encontrem e que as duas traições se cancelem. O problema da lingua representa a segunda saída.

Se consideradas intelectualmente, as respostas que tenho mencionado e todas que não mencionei diferem entre si quanto á profundidade, quanto á linguagem e quanto aos preconceitos a tal ponto, que não podemos nem dizer que se contradizem. Muitas entre elas podem perfeitamente co-existir, tão impertinentes são uma para a outra. O marxismo pode tolerar o existencialismo, e Freud pode tolerar o marxismo, porque não se entendem.

Para o marxismo o existencialismo é um típico fenómeno da burguesia em dissolução, e para o freudismo o marxismo é um típico fenómeno do complexo de Édipo, e como tais podem ser até aceites com simpatia. Pode surgir assim uma simbiose baseada em malentendidos. Para o marxismo e existencialismo pode ser um elemento positivo no progresso dialectico até a sociedade perfeita, e para o freudismo o marxismo pode ser uma terapia excelente em certas neuroses. Mas dentro da minha mente individual uma tal simbiose baseada em malentendidos é, evidentemente, absurda. Tomada a serio, ela conduziria a uma schizofrenia.

Mas, consideradas formalmente, todas essas respostas se parecem. Consistem todas elas em palavras, escritas, faladas, ou por mim pensadas. E estas palavras são organizadas de uma certa forma, são organizadas de acordo com a gramática da lingua, na qual eu penso. É verdade que o significado das palavras e das frases por elas formadas é diferente, consideradas como simbolos as palavras tem significados diferentes. Mas consideradas em si mesmas, consideradas como fenomenos, elas são identicas em todas as respostas por mim consideradas. E não sómente essas respostas, mas em todos os pensamentos dos quais eu sou capaz, as palavras são fornecidas pela lingua na qual eu penso, e a ordem entre essas palavras é fornecida pela mesma lingua. E isto não é tudo. Eu disse que cada resposta que eu tinha considerado tem um significado diferente. Mas esses significados, eles também são fornecidos pela minha lingua. São simplesmente significados que dependem da camada da lingua que uso. A diferença entre as diversas ~~respostas~~, respostas, e entre todos os meus pensamentos, são, do ponto de vista formal, diferenças de linguagem. E este ponto de vista formal é o único fenomenologicamente descobrivel. Quando eu reduzo todos os meus pensamentos ao seu eidos, a sua essencia, quando os devesto de todas as suas conotancias empiricas, fico com a sua estrutura, e essa estrutura é a lingua na qual eu penso. Em parentesis quero dizer que não compreendo como Husserl não chegou ao mesmo resultado. Eu simplesmente segui o seu conselho. Premido pela multidão de respostas que me foram fornecidas, puz todas elas em parentesis, usei de uma epoché radical, descobri-lhes o eidos e fiquei com a lingua.

Essa descoberta é de uma fertilidade tão enorme que ainda não comecei a tirar dela as primeiras consequencias, e já me estou encontrando num emaranhado de riquezas quanto as possibilidades de colheitas. Vou lhes dar rapidamente uma ideia daquilo que estou experimentando: A lingua é por mim experimentada tanto como um fenomeno exterior, um fenomeno dos meus sentidos, ~~quanto~~ quanto como fenomeno interior, como voz do meu pensamento. Ela representa, pois, o fundo neutro e comum, no qual o mundo exterior e interior se encontram. A diferença entre materialismo e idealismo é pois uma diferença linguistica, a saber: o materialismo se baseia sobre a lingua exterior, o idealismo sobre a interior, e como ambas são identicas, não há diferença. As categorias de Kant são regras gramaticais, e não há portanto problema numa correspondencia entre as categorias do conhecimento e as categorias da realidade, são as mesmas regras da mesma gramática da minha lingua. A questão da qualidade a priori da matematica, da logica e da ética fica resolvida. A matematica é a gramática de minha lingua altamente desidratada, é, por assim dizer, a lingua devestida de todos os seus aspectos salvo os aspectos gramaticais, e portanto a matematica é a priori. A natureza obedece a leis matematicas, porque assim a lingua manda. A logica é um lado diferente da gramática e pode ser reduzida á forma matematica, como os logististas começam a descobrir. A ética é um aspecto diferente da gramática, uma forma gramatical diferente. Conquanto a matematica e a logica tratam dos indicativos, a ética trata dos imperativos. Mas há um aspecto formal da lingua que é igualmente a priori, mas que foi negligenciado pela filosofia ocidental, é o seu aspecto estetico, a estrutura estetica da lingua. Conhecemos este aspecto pelas regras que governam a sequencia e a hierarquia das palavras. O Oriente, especialmente aquele que fala em linguas silabicas, é conciente desse aspecto, e conhece o "tao", a estrutura estetica a priori do conhecimento e da realidade.

-4-

Já disse que posso considerar a língua como fenómeno do mundo externo e como a base do meu pensamento. Considerarei ela portanto primeiro como fenómeno externo. Vista assim ela é o mais antigo, o mais completo e o mais rico monumento da humanidade. Nela se condensou toda a experiencia, toda a vivencia, toda a crença, e toda a força criadora de todas as gerações da espécie humana. Se analisada de maneira paciente, cada palavra deve revelar a sua origem fabulosamente antiga, e todas as influencias que a fizeram mudar e modificar-se. Cada palavra é portadora não sómente do segredo da historia da humanidade, mas do segredo da origem do pensamento humano. Pois cada palavra é, pelo menos, tão antiga quanto a humanidade, se não mais antiga. E essa analisa da palavra deve ser feita no sentido amplo do conceito "analise", a palavra deve ser experimentada em sua plenitude. Não adianta querer descobrir-lhe sómente a historia etimologica, é preciso tomar-lhe o pulso quanto á sua melodia, quanto a sua forma pictorica, e quanto aquela qualidade misteriosa da palavra tão bem conhecida dos tibetanos, que lá é chamada "yapa". É essa qualidade digamos mística da palavra que conhecemos na sua quintessencia na palavra "amém". É claro que uma analise de uma ou varias palavras assim isoladas não seria suficiente, se bem que, creio, já por si muito reveladora. É preciso considerar a palavra em seu conjunto, no caso das linguas gramaticais, na frase. As palavras são unidas entre sim, seguem certas regras, e são hierarquicamente organizadas. O estudo paciente dessa união, dessas regras e dessa organização revelará, estou convencido, aquilo que chamamos a ordem lógica, ética e estetica do mundo. Lembro Vocês aqui que a pergunta se a língua é ou significa essa ordem não tem sentido. Lembro que resolvi deixar a realidade hipotetica que se esconde atrás da lingua, em parentesis, juntamente com todas as outras respostas por mim consideradas. Todos os problemas da ordem no mundo que já discutimos, liberdade e causalidade, tempo, espaço, forma, substancia, universal, particular, e assim por diante, todos esses problemas serão iluminados por uma analise da estrutura da lingua suficientemente paciente.

Aí surge o fato tremendo e nunca suficientemente salientado da multiplicidade das linguas. Existem tantos cosmos quantes linguas possiveis. E como não há limite de linguas possiveis, existe uma infinidade de cosmos possiveis. Mas entre estes cosmos existe a possibilidade de conexões, porque existe a possibilidade de tradução de uma lingua para a outra. A tradução é o milagre mais fantastico que possa ser imaginado. É um pulo de um mundo para o outro. É preciso considerar que, as linguas não são um amontoado de individuos, mas são familias, cujos membros estão entre si em relação de parentesco. Há linguas irmãs, como o portugues e o espanhol, e a linguas quase completamente alheias como o portugues e o kvakiut. Mas não se deve exagerar o paralelo com a biologia. Qualquer lingua pode cruzar-se com qualquer lingua, e o japonés, um amontoado de linguas totalmente diversas, o prova. As linguas são interpenetraveis, e portanto todos os cosmos imaginaveis, podem se cruzar para gerar novos. Mas isto não é tudo. Podemos dizer que existem linguas naturais, por assim dizer nascidas de si só, e linguas artificiais, nascidas de proposito. Diria que as linguas naturais são linguas que protaram espontaneamente e imperceptivelmente de outras linguas externas, e que as linguas artificiais são linguas que foram criadas propositadamente pela mente humana, isto é pelas linguas internas. Não tenho em mente tanto o esperanto, como a matematica e a lingua da logica pura. Vistas desse angulo são a matematica e a logica pura produtos de linguas internas que se tornaram externas.

É verdade que existem regiões na alma que são, por assim dizer, ainda inarticuladas. Que temos, por assim dizer, pensamentos sem palavras. Mas esses pensamentos tendem a ser formulados em palavras e não são portanto ainda pensamentos prontos, são pensamentos no ato de nascer, e somente assim podem ser considerados partes do eu. Esses pensamentos são o lugar, aonde o eu surge da língua. De outro lado existem pensamentos que já não mais podem ser expressos em palavras, que ultrapassam a língua. Isto é a região misteriosa invadida por São Tomas, pelo Buddha e por Wittgenstein, para citar uns poucos exemplos. São os lugares aonde a língua se ultrapassa a si mesma, aonde o eu quase se liberta da língua. São esses fenomenos que me dão a esperança de que a minha pesquisa da língua pode me conduzir até a fé, esperança que mencionei no começo. Ainda falarei desses fenomenos no futuro.

A língua interna é por nós percebida em diversas formas, em indicativos, em imperativos, em condicionais, em exclamações, e, last not least, em forma de reza. Essas formas caracterizam os nossos pensamentos e os nossos atos. Falarei dessas formas mais detalhadamente no futuro, pois são elas o berço das ciencias, das filosofias, das artes e das religiões da humanidade.

Certamente muitos entre Vocês ficarão um pouco desorientados pelo que lhes falei hoje. E porque, pela primeira vez, tive a coragem de lhes expor aquilo que talvez um dia se tornará a minha filosofia. É uma filosofia ainda muito crua, ainda não digerida. Certamente Vocês terão muito que argumentar contra a minha ordem de ideias. Serei-lhes grato por isso. Mas considerem que esta é uma primeira exposição, que dedicarei ainda diversas noites a explicar mais minuciosamente o que pretendo dizer, e que me deixei levar, hoje, pela tremenda riqueza de material que sinto debaixo das minhas mãos impacientes. Vocês estão assistindo ao nascimento de uma maneira de encarar o mundo, fenomeno esse não muito comum, digo isto sem vangloriar-me. Talvez o que Vos exponho não tenha valor intrinseco, talvez seja baseado em interpretações erroneas ou muito arriscadas. No entanto, há muitos anos que cuido esses pensamentos comigo e trabalho, para aperfeiçoá-los. E se Deus quizer continuarei em me esforçar nesse sentido. É esse o cultivo do meu jardim que mencionei no intermezzo. Estou lhes grato de me ter proporcionado uma primeira taboa de ressonancia, e fico esperando pelo eco.